

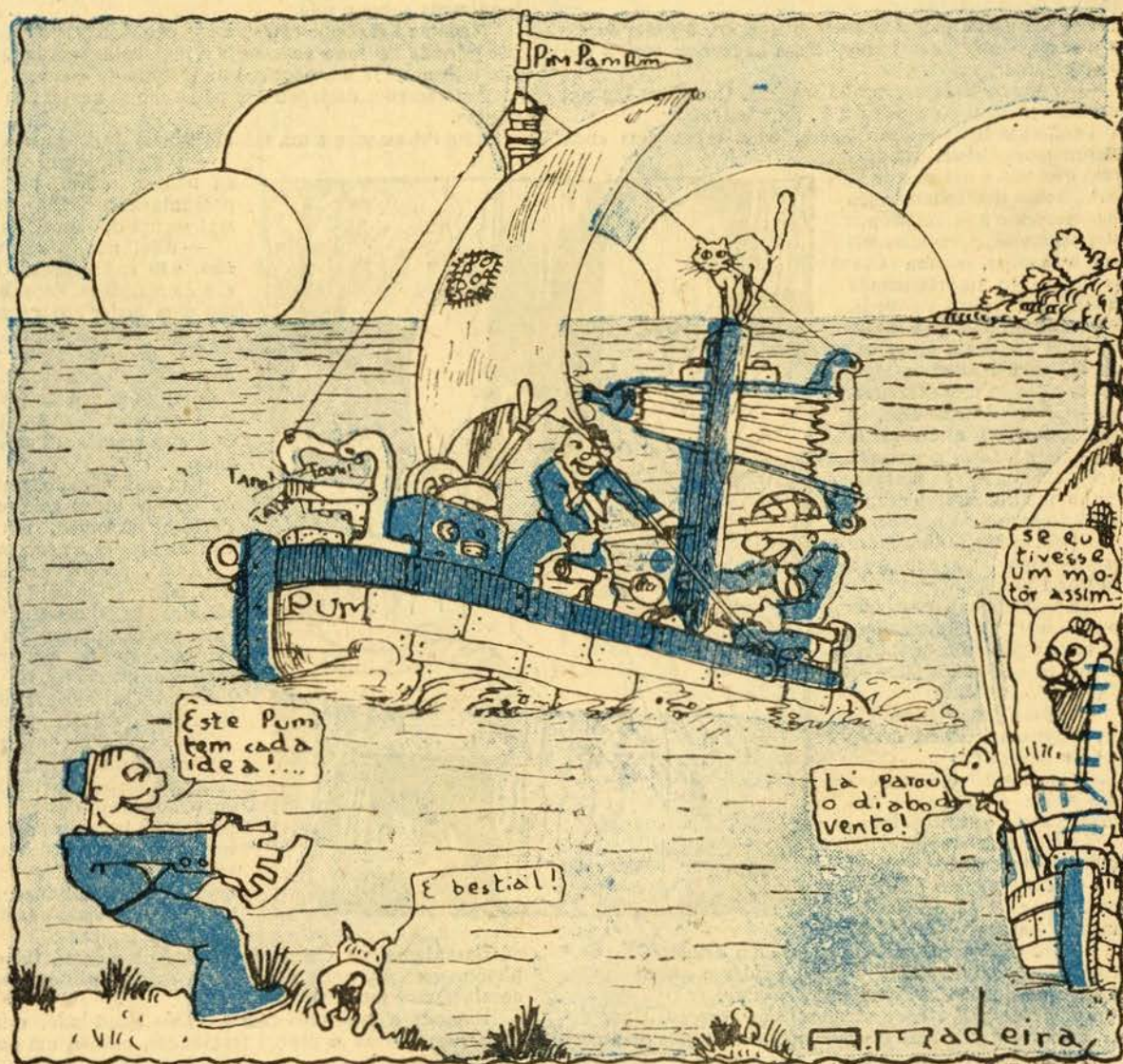


DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL
O SECULO

DE SANTA
RITA

A CEM Á HORA...



Uma grande invenção do nosso Pum. Aparelho aplicado em barcos á vela, para quando não houver vento.

UMA NOITE DE TEMPESTADE

NOVELA INFANTIL
Por MIMI GRANDELLA
Desenhos de A. CASTANE

(CONTINUADO DO NUMERO ANTERIOR)

O criado vendo que realmente o melhor que fazia era ir prevenir a senhora, afastou-se deixando ficar a velhota na rua.

Dai a momentos voltou, mandando entrar a criatura.

Madame Laurence apareceu e perguntou à camponesa o que desejava.

— Falar com V. Ex.^a, minha senhora. Não sou daqui desta aldeia, mas de muito perto. Móro à distância de um quilómetro.

Como madame Alleaume visse que a conversa se iria prolongar, convidou a mulher a entrar para uma pequena dependência reservada à costura. Ai, sentou-se e mandou sentar a desconhecida.

— Pode agora falar com sossego que eu, a-pesar-de estar a coser, oiço-a atentamente, disse Laurence com a sua voz meiga de sempre.

— E' muito bondosa, minha senhora. Que Deus lhe pague. Eu vim aqui para pedir a V. Ex.^a um favor.

Tenho um filho já um homem, bom rapaz mas anda sempre muito triste. Há dias creio que viu o netinho de V. Ex.^a e como tivesse um irmão que morreu e que ambos nós estremeciamos, parecidissimo com o menino, o meu Carlos ficou tão impressionado que me disse para eu pedir aos Pais do menino, se lhe davam lá um dia à nossa povoação, para lhe oferecerem algumas coizitas da nossa fazenda.

— Coitado! Está bem, eu digo a Jacques e elle vai lá com o filho, fazer a vontade ao seu. Mas ouça, boa mulher, o filho que lhe morreu era da idade do meu neto?

— Não, minha senhora, era mais velhinho. Quando morreu tinha 17 anos.

E a velha camponesa não pode suster as lágrimas que já há tempos continha, desde que principiara a falar no filho morto.

— Então? não chore. Tenha resignação. Já há muito que elle faleceu?

— Se fôsse vivo contava hoje vinte e oito anos. Era tão simpático o meu filhinho!

E novamente os soluços lhe embargaram a voz.

— De que morreu? Foi alguma doença má? perguntou madame Laurence comovida?

— Não, minha rica senhora, foi de um desastre. V. Ex.^a talvez tivesse ouvido falar no grave accidente que se deu há 11 anos, aqui na linha férrea desta região?

Foi nessa catástrofe que meu filho pereceu. Quer dizer, eu jurar que tivesse morrido, não posso, pois que o seu nome não vinha nos jornais, mas, como nunca mais me apareceu, julgo e tenho quasi a certeza de que foi um dos mortos irreconhecíveis, além...

— Como ia vestido o seu filho quando se deu o desastre? perguntou nervosa e excitada, madame Alleaume.

— Levava um fatinho de káki azul, um cinto de couro, boné preto e botas de carneira.

— Santo Deus, será possível?! diz Laurence juntando as mãos com emoção. Se eu lhe afirmasse que seu filho está vivo, que diria a senhora?

— Dizia que era impossível depois de tantos anos, disse a velhota a tremer.

— Pois bem, espere um bocadinho que eu volto já, respondeu madame Alleaume.

Volvidos três minutos, nem tanto, madame Laurence voltou para junto da velhota.

— Conhece isto?

— Ah! Mas... é a medalha que meu filho trazia sempre ao pescoço. Senhor, tende piedade! e a camponesa caiu inanimada sobre o solo.

Madame Laurence correu à sua pequena farmácia, sempre provida de tudo necessário a incidentes sem importância, e tirou de lá um pequeno frasquinho de «sais».

Activamente destapou-o e pô-lo sob as narinas da camponesa.

Esta estremeceu e um minuto depois abriu as pálpebras.

— Diga-me, minha senhora, eu não endoideci, pois não? perguntava a velha mulher mal segura das suas ideias.

— Não, minha boa velhinha, não endoideceu. O que viu é a realidade. Peço-lhe calma para poder ouvir a narrativa que lhe vou fazer.

Eu morava aqui perto desta aldeia onde nos encontramos. Meu marido e eu somos franceses, mas habitámos este incomparável país dez anos.

Ora meu marido, a-pesar-de ter um amor profundo a Portugal, resolveu, um dia, voltar a França, a nossa pátria.

Antes, porém, de nos irmos, meu marido deliberou fazer-mos uma despedida ao vosso país. Andámos em vigeiatura durante três meses, sendo o último ponto onde estivemos justamente um sítio não longe desta povoação.

Quiz o destino que, precisamente no dia em que partiamos para Lisboa, se tivesse dado o horroroso desastre onde pereceram tantos infelizes. Eu e meu marido fomos arremessados a alguns metros de distância, mas Deus protegeu-nos e sómente sofremos o susto que já não foi pouco.

Levantamo-nos ilesos e eu, ainda a tremer, fui caminhando devagar, apavorada com o espectáculo que se desenrolava ante a minha vista.

Homens e mulheres com o crânio esfacelado, criancinhas com pernas e braços trucidados, enfim, um quadro horripilante.

De repente meu marido, que me amparava, chamou-me a atenção para um rapazito que, não longe da máquina, gemia dolorosamente.

Aproximamo-nos e notamos que tinha os olhos abertos Condoída, abaixei-me e perguntei-lhe se tinha Pais. Numa voz quasi imperceptível, o rapazito respondeu-me que não sa-



bia. Meu marido e eu entreolhamo-nos. O pequeno estava em perigo de vida e era humano e urgente salvá-lo.

Imediatamente, sem consultarmos ninguém, alugamos um automóvel, metemos lá dentro o rapaz e partimos a grande velocidade para Lisboa.

Chegados, fomos rapidamente para o banco do Hospital de S. José. Ai esteve o rapaz 3 dias entre a vida e a morte. Mais uma vez Aquele que é todo Poderoso, nos deu a suprema alegria de nos salvar o pequeno a quem já tínhamos uma pequena mas sincera amizade.

Quando o tirámos do hospital, hesitamos sobre o destino a dar-lhe.

Mas o pequeno era tão meiguinho que nos cativou completamente. Em consequência do ferimento de tanta gravidade que recebera no crânio, os médicos preveniram-nos logo, que o rapaz devido à comoção e a tudo o que se passara, tinha esquecido o Passado, sendo para êle, daquela ocasião em diante, tudo muitíssimo natural, se a sua situação se modificasse.

Em vista disto, como não tivéssemos filhos, adoptamo-lo. O pequeno foi crescendo, sempre ignorando, êle e nós, o seu Passado.

Foi sempre um filho modelo. Casou-se há quatro anos com uma jovem portuguesa, da qual é amicíssimo. O casamento dele foi uma dificuldade, por não sabermos quem êle era. Meu marido, porém, que lhe dedica a amizade de um Pai estremo, pagou uma soma fabulosa para que o casamento se realizasse, sem certidão.

Tão fabulosa foi ela que se eu lha dissesse com certeza a senhora não acreditaria.

Para vermos se realmente não estaremos equivocadas, vou num instante buscar-lhe o fatiinho que êle levava no dia em que o encontramos.

Madame Laurence trazia o vestuário todo de Jacques.

— Não há dúvida, minha senhora, não há dúvida, é o fato de meu filho. Meu Deus, como sois misericordioso! Nem com a minha vida vos pagarei uma dádiva tão sagrada!

Madame Laurence estava pálida. A comoção subjugara-a. Sentou-se numa cadeira e prosseguiu:

— Como o havemos de elucidar sobre o seu passado e futuro? Hoje mesmo falarei com meu marido a êsse respeito.

— Minha senhora, peço-lhe uma coisa: se meu filho me reconhecer quando me vir, digam-lhe tudo, toda a verdade. Se, pelo contrário, mostrar não ter nenhuma reminiscência do passado, peço-vos que não lhe digais quem é, porque talvez isso lhe causasse tristeza. A-pesar-de custar-me bastante, porque sou sua Mãe.

A velhota depois de ter beijado com fervor as mãos da protectora de seu filho, retirou-se feliz, muito feliz mesmo, no meio da sua tristeza toda.

CAPITULO VII

Tarde de Agosto. Tarde quente, asfixiante.

Vestido com calças brancas, camisa à «sport», sapatos brancos e em cabelo, Jacques passeava sob o ardente sol daquela encalmada tarde de verão.

Nisto, o pintor sente que alguém, atraz dêle, o chama. Volta-se e vê o criado.

— V. Ex.^a faz favor vai ao senhor seu Pai que o está esperando em casa.

Imediatamente Jacques retrocedeu.

— Meu rapaz, disse o senhor Alleaume, mal viu entrar o filho adoptivo, hoje vamos dar um passeio de automóvel até uma povoação próxima daqui.

Naturalmente vais ter uma surpresa mas também é pro-

vável que a não tenhas. Era só isto que te queria dizer, para saberes que logo não podes contar contigo.

— Muito bem, meu Pai, estou às vossas ordens.

Jacques retirou-se e só recolheu quando viu serem horas de partir. Efectivamente os esposos Alleaume, Rosita e Niquito esperavam-no já há alguns momentos.

— Vamos embora? perguntou Marc Alleaume olhando para Jacques.

— Quando quizer, meu Pai.

Entraram todos e o automóvel deslisou, suavemente, pela estrada fóra.

Um quarto de hora depois, chegavam ao seu destino. O carro parou junto a uma casinha pequenina, muito caiadinha e com uma aparência de asseio pouco vulgar.

Sentada à soleira, uma rapariga, ainda jovem, remendava uma camisa de homem.

— A senhora Maria Carlota mora muito longe daqui? perguntou-lhe Laurence Alleaume.

— Mora aqui mesmo, minha senhora; disse a rapariga erguendo-se e cumprimentando. Deve estar agora nas fazendas, mas eu vou chamá-la. Vossa senhoria espera um instantinho.

— Espere aí, menina, pros. seguiu Laurence, eu vou consigo até lá.

— Como queira, minha senhora, mas parece-me melhor que fique, porque os caminhos são muito ruins e vossa senhoria vai ficar com os sapatos todos esfolados.

— Não faz mal, eu vou.

Caminharam por uns atalhos durante 5 minutos, avistando-se ao longe as fazendas da viúva.

— Lá está adiante a minha Mãe, disse a rapariga apontando, ao longe, um vulto sentado na relva, a escarapelar maçarocas.

— Mas a menina também é irmã do sr. Carlos? perguntou madame Alleaume.

— Não, minha senhora, sou a mulher.

— Casaram-se há muito?

— Hão-de haver, talvez, uns seis meses.

E assim, conversando, chegaram até à eira.

— Mãe, ó minha Mãe, atenda esta senhoria que a vem procurar!

— Lá vou, filha, lá vou. Queira V. Ex.^a perdoar, minha senhora, eu levar tanto tempo a levantar-me, mas êste maldito reumático nunca mais me quere abandonar.

— Deixe lá, não se apoquente; eu não tenho pressa, disse madame Laurence.

— O' Mariana, fica tu aqui e mais o teu Carlos a fazer o meu serviço, enquanto eu não volto. Dize ao Carlos que se eu o mandar chamar venha logo em seguida.

E a viúva partiu com a francesa.

— Você poderá entrar em casa sem ser vista por Jacques? perguntou Laurence.

— Muito bem. A minha casita tem uma porta pelas trazeiras e outra por aí.

O' minha senhora que medo tenho que meu filho não me reconheça. Que grande desgosto se assim succeder.

CAPITULO VIII

— Deve ser uma surpresa colossal, dizia Jacques para seu Pai. Minha Mãe demora-se tanto!

— Jacques! Jacques, anda cá; disse Laurence Alleaume chamando o filho adoptivo.

Estava pálida mas aparentando serenidade.

— Prepara-te, para a surpresa, meu filho.

Pegando-lhe numa mão, a esposa de Marc Alleaume in-

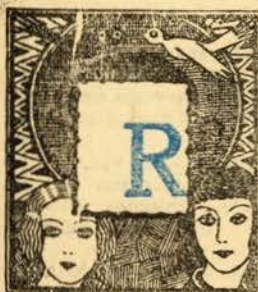
(Continua na pagina 6)





MARÍLIA, A ÓRFÃ

POR IVONE OLIVEIRA E SILVA



RECORDO-ME, ainda, de a ter visto em pequenina, teria, talvez, cinco anos a pobre orfãzinha; olhar tímido mas inteligente, realçando, no vestidinho de chita preta, a palidez do rosto, e os cabelos, dourados, caídos em madeixas sobre os ombros.

A situação daquela criança, comovia todos que dela tinham conhecimento.

O pai partira para a guerra em defesa da sua pátria e havia pouco tempo que um amigo tinha dado a notícia à mulher de que ele morrera em combate.

A mãe quando soube a triste notícia, sofreu um grande desgosto e, poucos meses depois, também morria.

Marília, assim se chamava a pequenita, foi entregue aos avós: — uns velhinhos muito pobres.

Mas pouco tempo passou privações; a madrinha levou-a para casa.

Entregue aos cuidados da madrinha, uma senhora rica

e ilustrada, que vivia num sumptuoso palácio rodeada de todos os confortos, Marília sentia-se satisfeita.

Meiga e submissa, era estimada; aproveitando as lições que a professora lhe dava e procurando colher simpatias de todos que a rodeavam.



O seu amiguinho predilecto era Rui, o filho da madrinha, que pouco mais velho era do que ela.

Acostumados desde pequenos, nunca se separavam, e era já certo encontrá-los: ou estudando as lições para o dia seguinte, ou então, nas horas de recreio, correndo e brincando pelos campos.

Eram dois amigos leais e sinceros.

Rui, muito estudioso, tinha a sua aspiração: — queria ser médico.

Marília distinguia-se com perfeição em canto e piano, não deixando de se dedicar às letras, à pintura e à vida caseira.

Todos os anos, pelas férias, ia, acompanhada da madrinha e de Rui, visitar os avósinhos.

Estes, quando a viam, choravam, talvez recordando-se



da filha que, se fosse viva, se sentiria feliz por ver Marília tão educada.

Depois de abraços, beijos e lágrimas à mistura, despediam-se e seguiam para qualquer praia, dispostos a descansar, e a aproveitar aqueles meses de férias.

Um dia quando iam no seu passeio costumado, percorrendo as ruas floridas do jardim, Rui declarou a Marília o seu amor e prometeu que, em acabando o curso, a desposaria.

— «E' preciso contar tudo a tua mãe,» disse Marília, olhando para Rui, meia envergonhada.

— «Pois sim; eu me encarrego de lhe dar tão grande novidade, se é esse o teu desejo!...»

Nessa noite quasi que ela nem dormiu, projectando um futuro risonho e venturoso.

No outro dia, quando a criada a veiu chamar para almoçar, já ela estava pronta e, depois de cumprimentar a madrinha e Rui, sentou-se à mesa.

O almoço decorreu animado, como de costume; conversou-se sobre todos os assuntos até que Rui contou à mãe os seus projectos.

A mãe ficou satisfetissima pois há muito tempo ambicionava aquele casamento.



Nessa mesma noite reuniu as pessoas das suas relações para tornar pública a feliz notícia.

Desde esse dia só se falava no próximo casamento, architectando-se mil cousas.

Rompera alegre a manhã, um dia lindo de primavera sereno e calmo.

Por todos os lados se vêem grupinhos falando e discutindo sobre o casamento de Rui «O Morgadinho» como todos lhe chamavam, com Marília, a orfã, criada em casa da madrinha desde pequena.

A capela, onde se realizava o casamento, estava encantadora; dir-se-ia que todas as flores tinham sido colhidas para a ornamentar.

Os convidados iam chegando a pouco e pouco; depois, o noivo, o padrinho, até que aparece ao longe um trem e se faz um borborinho geral.

— E' a noiva!... E' a noiva!...

E essa palavra ia passando de boca em boca.

Efectivamente é ela que desce do trem acompanhada da madrinha.

Envolvida no vestido branco, a palidez do rosto, talvez

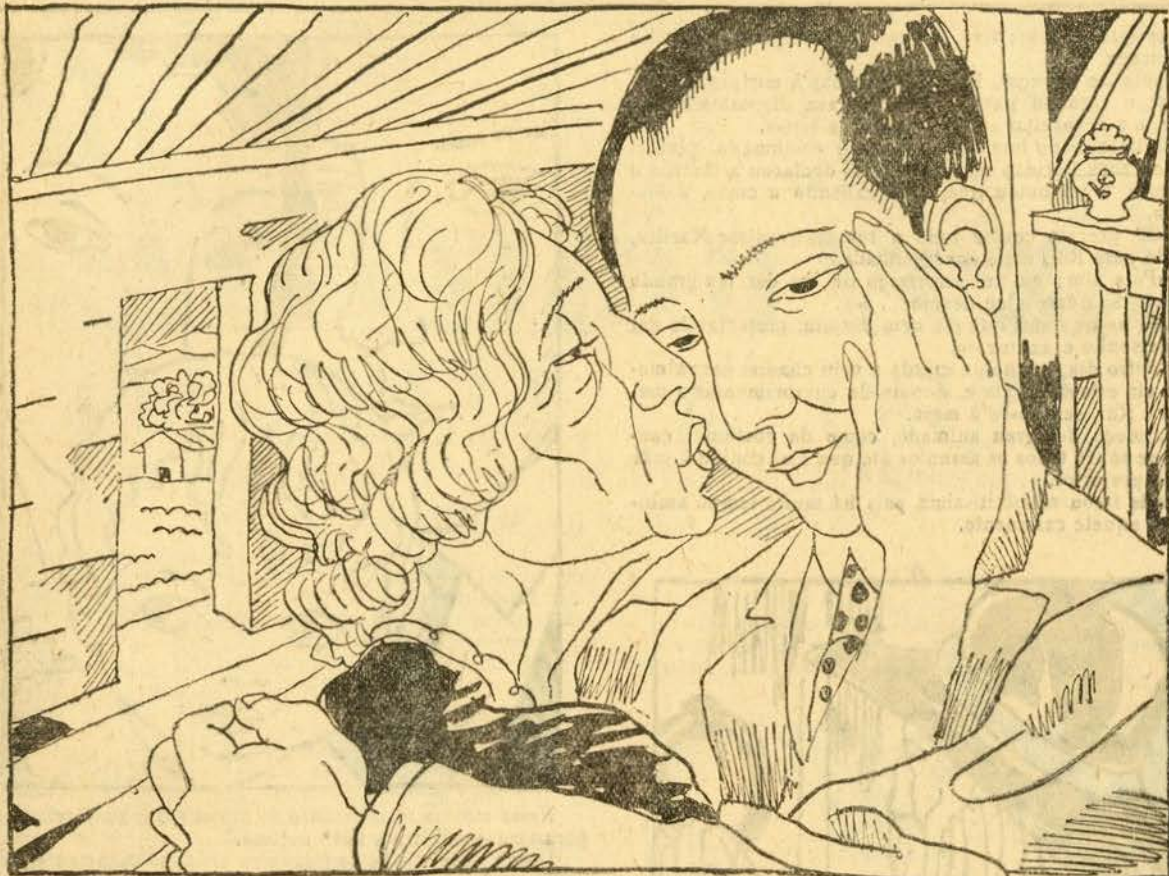
(Continua na pagina 8)



O NOSSO CONCURSO DE PANTOMIMAS

Por absoluta falta de espaço não nos é possível publicar já neste número o original TRACALHICES, de Manuel Vieira Claro, que obteve o primeiro prémio no nosso Concurso. Publicá-lo-emos no próximo e, conjuntamente, os retratos de todos os classificados.

Muito brevemente iniciaremos um novo Concurso, mais interessante ainda, atendendo ao grande interesse que este conseguiu despertar.



(Continuado da pagina 3)

roduziu-o numa casinha de entrada, na vivenda de Maria Carlota.

Fez sentar Jacques numa cadeira e disse-lhe que esperasse uns minutos.

Foi junto da viúva e exclamou:

— Vá, corágem. Seu filho espera-a. E' preciso ter corágem.

E novamente Laurence voltou para junto de Jacques. — Concentra-te bem, meu filho e olha para aquela porta.

Entretanto, desapareceu, indo buscar a viúva. Jacques olhava de facto a porta com uma curiosidade crescente. Súbitamente, o rapaz vê aparecer madame Alleaume amparando uma idosa camponêsa, já curvada ao peso da sua idade.

No rosto do pintor, emoção alguma se fez notar. Sómente se ergueu prontamente para ajudar sua suposta Mãe a amparar a camponêsa.

Maria Carlota não poude conter as lágrimas ao sentir o contacto das mãos de seu filho, nos seus braços e num arrebatamento, mal contido, a viúva exclamou:

— Meu filho, meu adorado Nuno, não me conheces? Não vez nesta pobre velha já sem préstimo a tua Mãe? Recordas-te do dia em que daqui partiste para a cidade? Do triste desastre que se deu e desta santa senhora te ter protegido?

Anda, filho, responde; não me tortures com êsse silêncio. A expressão de Jacques contraíra-se. Os seus olhos fixavam um ponto vago, como a recordar-se do passado.

Maria Carlota, vendo que a memória do filho o não ajudava, num arrebatamento do seu amor de Mãe, cai de joelhos e de mãos postas implora ao Omnipotente:

— Senhor, tende misericórdia. Fazei a luz em meu filho para que me reconheça, se lembre do seu passado e de que eu sou a sua Mãe! Meu Deus, tende compaixão, fazei-me êsse milagre. Embora eu nunca vo-lo possa pagar, tereis sempre a minha gratidão de Mãe reconhecida!

— Jacques que se achava de pé, encostado a uma cómoda, passou a mão alguns segundos pela vista e quando a retirou, o seu olhar brilhava com extranho fulgor. Então, ainda a medo, respondeu:

— Sim... parece... que me recordo. O meu irmão! A minha Mãe! O desastre!

A camponêsa e madame Laurence Alleaume, estavam suspensas das palavras do jóvem pintor.

Comovido, Jacques prosseguiu:

— Sim, recordo-me. Acolá, à ponta daquela mesa, era o meu lugar.

E, num impeto, correu para sua verdadeira Mãe, estreitando-a contra o coração e beijando-lhe as enrugadas faces, outrora tão mimosas.

A comoção venceu Maria Carlota que, erguendo as mãos para o Céu, proferiu, agradecendo:

— Obrigado, meu Deus, obrigado. Desmaiou.

Seguiu-se logo outra scena não menos comovedora.

Carlos entrava quando sua Mãe desmaiara e, compreendendo tudo, correu para Nuno. Aqueles dois homens, já chefes de família e de posição social diversa, apertaram-se contra o peito, num abraço pleno de dedicação e derramando ambos lágrimas de alegria e de fraternal amizade.

CAPITULO IX

Os esposos Alleaume regressaram a França três meses depois dêste drama comvente.

Nuno ficou em Portugal, a sua terra, o seu país!

Aquarelista consumado como era, rapidamente conseguiu uma esplêndida fortuna, que emprega fazendo bem aos seus e aos estranhos.

A casinha da aldeia, onde passara a sua infância, mandou-a demolir e construir, no seu lugar, um confortável «chalet», onde passa parte da sua vida.

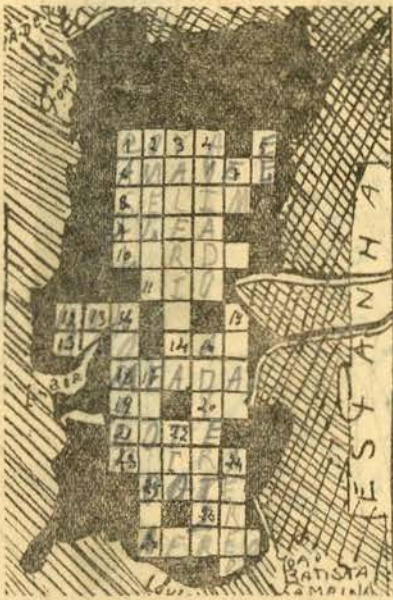
Para sua Mãe, mandou edificar um outro «chalet», pegado com o seu e onde Carlos e Mariana habitam igualmente.

Os franceses correspondem-se amiudadamente com Nuno, que sempre encontrará nessa família uns segundos Pais tão dedicados como os primeiros.

Marc Alleaume, numa carta em que lhe envia felicitações pelo êxito de uma das suas exposições, faz-lhe saber que êle será, por morte do casal Alleaume, o seu único herdeiro.

E assim, tão brilhantemente, termina a narração da vida de um provínciano a quem o Destino, tão auspiciosamente, reserva um futuro grandioso.

H
O
R
A
D
E



Palavras cruzadas — Mapa

HORIZONTALIS: 1, Buraco. 5, vogal. 6, cortês. 8, sela pequena. 9, renque de arvores. 10, airosa. 11, T. de verbo. 12, meu em francês. 13, Espaço de Tempo. 14, Advérbio. 18 Enrêdo. 20, consoante. 21, prenda de espirito ou formosura. 23, T. de verbo. 25, embarcação. 26, verbo. 27, Do ar.

VERTICAIS: 1, Herdade. 2, nome de mulher. 3, nome de mulher. 4, Despachado. 5 palavra espanhola. 7, Proposição. 12, possessivo francês. 13, palavra francesa. 14, vagabundo. 15, verbo. 16, Avisar. 17, extravagante. 22, irmã do pai. 24, Do ar.

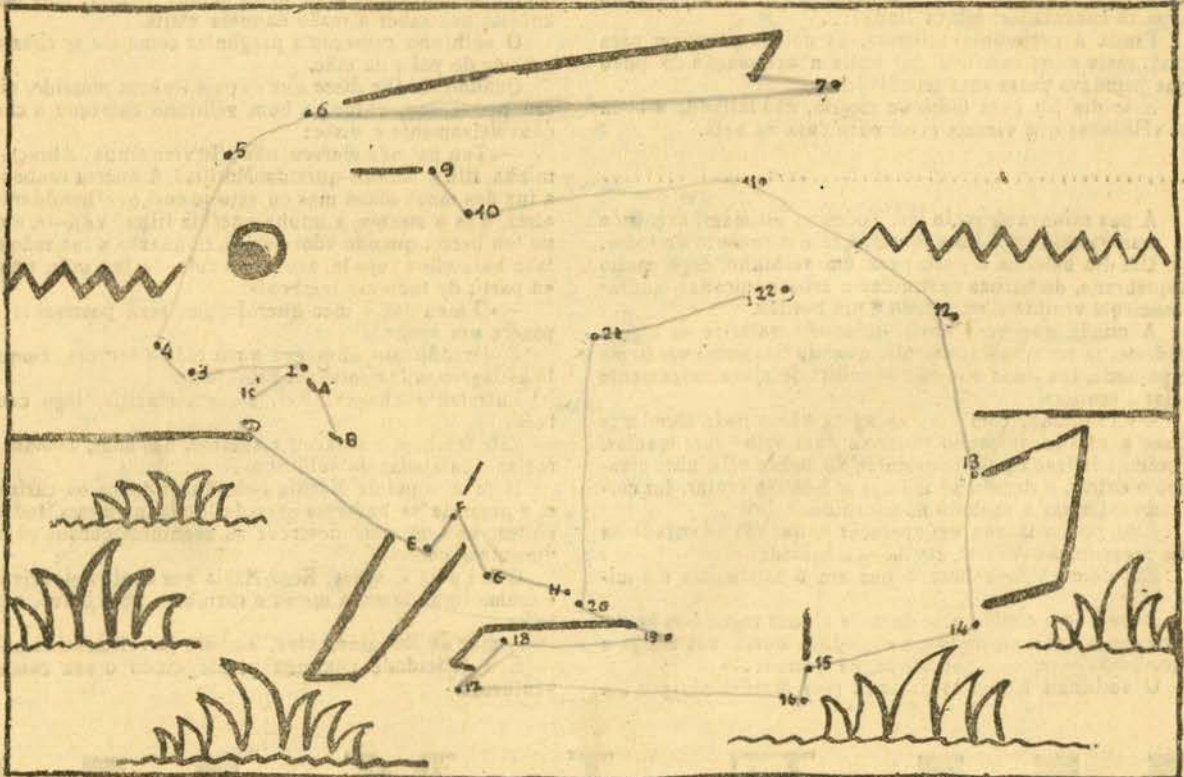
ADIVINHA

R
E
C
R
E
I
O

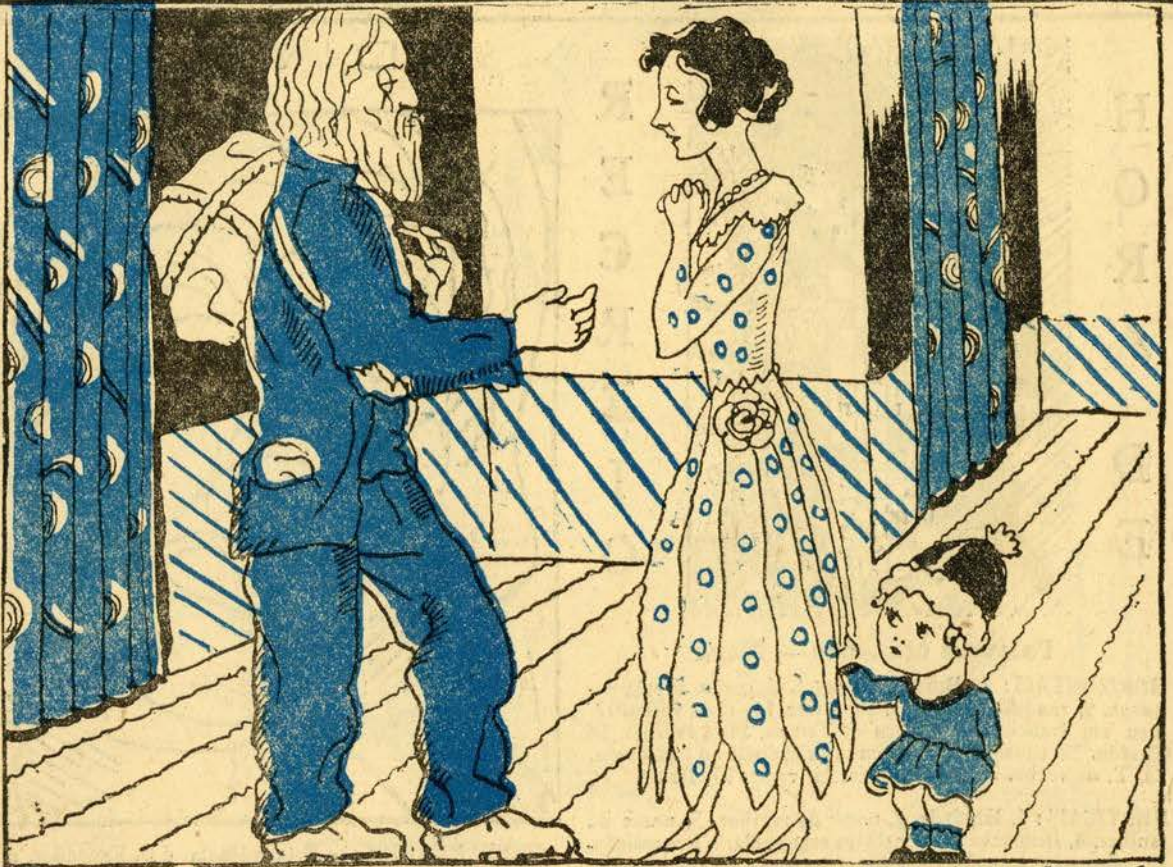


MEUS MENINOS:— Esta vèlhota é D. Fagundes, muito senhora do seu nariz e do seu gato, simpático bichano que os meninos encontrarão neste desenho.

PARA TRACEJAR E COLORIR



Ligar com uns traços os pontos de 1 a 20 e de A a H



MARÍLIA, a ÓRFÃ — (Continuado da página 5)

ocasionada pela tarefa dos últimos dias, davam-lhe um aspecto encantador; estava linda!...

Finda a cerimônia religiosa, os noivos partiram para casa, mais a sua comitiva, por entre a aclamação do povo que brindava pelas suas felicidades.

Esse dia foi para todos de alegria, não faltando à boda os velhinhos que vieram viver para casa da neta.

A paz reinava naquele lar. Todos se estimam, existindo já uma garotinha, a Rosa Maria, que é o encanto de todos.

Um dia bateram à porta; era um velhinho, cego, muito alquebrado, de barbas compridas e esbranquiçadas, andrajosamente vestido e encostado a um bordão.

A criada que veio abrir, julgando tratar-se de algum pedinte, ia para buscar esmola, quando êle, numa voz firme e pausada, lhe disse que não ia pedir: desejava unicamente falar à senhora.

—«A senhora, com certeza, agora não o pode atender:» disse a criada, julgando tratar-se dum velho com manias. Porém, admirada pela insistência do pobre velhinho, mandou-o entrar, e depois de o guiar até êle se sentar, foi correndo informar a senhora do sucedido.

Esta pouco tardou em aparecer e, quando se encontrou em presença do velhote, sentiu-se comovida.

Ele demonstrava bem o que era o sofrimento e a miséria.

Depois de o contemplar durante alguns segundos, tocou-lhe com a mão no ombro e disse-lhe numa voz meiga e carinhosa: —«estou aqui, o que me quere?...»

O velhinho tentou levantar-se mas Marília obrigou-o a

sentar e pediu-lhe para dizer o que queria, pois estava anciosa por saber a razão daquela visita.

O velhinho começou a perguntar como ela se chamava, o nome do pai e da mãe.

Quando ela lhe disse que os pais tinham morrido, ainda era pequenina, então, o bom velhinho começou a chorar convulsivamente e disse:

—«Teu pai não morreu, não; êle vive ainda! Abraça-me, minha filha, minha querida Marília! A guerra roubou-me a luz dos meus olhos mas eu vejo-te com os olhos da minha alma, e és a mesma, a minha querida filha! Vejo-te, ainda, no teu berço, quando adormecias, enquanto a tua mãe cantava baixinho; vejo-te, ainda, ao colo de tua mãe, quando eu parti; de tudo me lembro!»

—«O meu pai, o meu querido pai, será possível?! Isto parece um sonho!»

E, dizendo isto, abraçava o pai toda a ternura, enquanto as lágrimas lhe rolavam pelas faces.

Entretanto chegava Rui, a quem Marília, logo contou tudo.

Este também o abraçou e apertou, nas suas, as mãos trêmulas e calejadas do velhinho.

Hoje é o pai de Marília rodeado de todos os carinhos, e, apesar-de se haverem passado já alguns meses, todas as noites, ao serão, êle descreve as aventuras porque passara durante a guerra.

O seu guia é, agora, Rosa-Maria que conta hoje seis anos e é uma linda criança meiga e carinhosa para o avô, e para todos.

A mãe de Rui ainda vive, embora já velhinha também. E a felicidade continua prosseguindo o seu caminho venturoso.